

## **Do caso Segismundo ao caso Schreber ou da desconstrução de corpos paranoicos e torturados como parte da encenação de um teatro da memória**

Walder Gervásio Virgulino de Souza (Walder Virgolino)

Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – UNIRIO

Professor Adjunto IV – Doutor em Estudos Teatrais – Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle)

Resumo: A partir de diferentes leituras do caso Schreber e visando à apresentação cênica de técnicas de desconstrução das imagens e das ideias que elas suscitam, com inspiração em Derrida e em Foucault, dou prosseguimento às pesquisas sobre corpos humanos paranoicos ou submetidos à dor e à tortura e suas possíveis linhas de fuga ou formas de salvação. Nesse sentido, apresenta-se o estudo dos rituais de passagem que ligam a possibilidade do perdão do filho Segismundo às atrocidades cometidas por Basílio, o pai tirano, em *A Vida é Sonho*, de Calderón, às soluções paranoicas das diversas formas de delírios presentes no caso Schreber: tornar-se mulher, entregar-se fisicamente ao prazer “soprado” por um Deus voluptuoso, ser capaz de dizer, enfim, um não categórico à interdição imposta pelo pai Moritz.

Palavras-chave: Corpo paranoico, tortura, *A Vida é Sonho*, Caso Schreber, novas tecnologias

Dando continuidade a nossa busca de uma abordagem multidisciplinar de formas possíveis de criação cênica de um corpo paranoico, discutiremos as primeiras soluções encontradas para uma abordagem do caso Schreber a partir de questões sugeridas por diferentes pensadores. Evitando qualquer artifício que significasse um tratamento superficial do tema, concentramo-nos numa forma teatral possível de conjugar as técnicas de desconstrução das imagens e das ideias que elas suscitam, pensando em Derrida, com o projeto renascentista de Giulio Camillo de criação de um *Teatro da Memória*, de uma enciclopédia do saber, que permitisse ao espectador entrar em contato com textos e imagens sobre filosofia, literatura, ciências, religiões e arte.

A criação de um espetáculo que tomará por base as *Memórias de um doente dos nervos*, escritas por Schreber, consistirá, assim, na criação de um roteiro (aqui apenas sugerido), em que se apresentam referências a sua vida, ao estado psíquico desse grande jurista alemão e às explicações sugeridas por diferentes psicanalistas e filósofos para seus principais sintomas delirantes. Para conjugar história de vida com visões científicas sobre delírios, optamos por sugerir um espaço cênico circular, dentro do qual os atores representarão os diferentes personagens que serão anunciados e referidos pelos pensadores (denominados, no roteiro, “senhor X” ou “senhora Y”) que, instalados em cadeiras, situadas nas bordas dessa área redonda, comentariam as ações executadas pelos atores, que se encontram na parte interna do círculo, de acordo com o que possa lhes inspirar a tela *Caminhos principais e caminhos secundários* pintada por Paul Klee em 1929.

**Trechos da cena 3 - Senhora Carone** – Em 1911, na mesma época em que Freud estudava seu caso, sem nunca tê-lo encontrado pessoalmente, Schreber morre no sanatório de Dösen, próximo de Leipzig, onde se encontrava internado pela terceira vez. Tinha quase 69 anos, pois nascera em Leipzig no dia 25 de julho de 1842, filho do ortopedista Daniel Moritz Schreber e de Louise Haase. Quando o filho nasceu, Dr. Moritz Schreber (vamos chamá-lo assim, a partir de agora, para distingui-lo de seu filho, que será referido, apenas, como Presidente Schreber ou, simplesmente, Schreber) tinha 34 anos; sua mulher, 27.

Antes de iniciar este trabalho dramático sobre Schreber, eu passei todo o ano de 2008 às voltas com o “caso Segismundo”, personagem central da “comédia” *La vida es sueño*, engendrado em 1635 por Calderón de la Barca, em pleno século XVII. Antes de Segismundo, porém, já tinha trabalhado com a vida e com a obra de Lenz, um dos dramaturgos pioneiros do *Sturm und Drang* alemão, e com a novela *Lenz* (1836), que Buchner escrevera em sua homenagem. O que me interessa nesses textos? Visões estonteantes da loucura, suas possíveis causas e eventuais curas e, de certa forma, o que seria possível depreender das possíveis relações entre a saúde mental dos personagens e seus respectivos pais.

**Outra parte da cena 3 – Senhora Carone** - Em novembro de 1861, o pai de Schreber tinha morrido de uma obstrução intestinal. Nos últimos anos de vida, Dr. Moritz apresentou um quadro de neurose obsessiva grave com impulsos homicidas. Já é, no entanto, ao morrer em Leipzig, um médico famoso na Alemanha e no exterior por seus diversos livros sobre pedagogia e higiene. Nessa época, Schreber tem 19 anos e seu irmão mais velho, Daniel Gustav, 22 anos. Anos mais tarde, já com 38 anos, este irmão de Schreber comete suicídio com um tiro. Como o irmão, era também jurista. No ano seguinte, aos 36 anos, Schreber decide casar-se com Sabine Behr (1857-1912), quinze anos mais moça que ele. Diabética, não deu filhos ao marido e teve seis abortos espontâneos. Schreber foi internado três vezes. A primeira, em 1884, na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, dirigida pelo Prof. Paul Emil Flechsig, uma das maiores autoridades em Neurologia e Psiquiatria da época. Diagnóstico: hipocondria. A internação dessa vez durou apenas seis meses. No entanto, a crise nervosa que precedeu sua segunda e longa internação (quase nove anos de reclusão manicomial) ocorreu, muitos anos depois, em 1º de outubro de 1893, quando Schreber foi promovido, aos 51 anos, para o cargo de Juiz-Presidente da Suprema Corte de Apelação do reino. Viveu, ao ter de ser internado pela segunda vez, uma situação extremamente delicada, na medida em que não poderia declinar de seu cargo, pois tal recusa seria considerada crime de lesa-majestade. No entanto, no final de 1893, passara a viver um período de intensa angústia, de insônias insuportáveis e do que ele próprio vai chamar de “Assassinato de alma”. **Os delírios.** Uma das formas assumidas por seus delírios, plena de

sexualidade, fazia parte de sua missão de redimir o mundo e de assegurar sua beatitude. Um verdadeiro projeto teológico, não aceitando em nenhum momento que o tratassem como doente mental. Todo o processo delirante de Schreber consistia no fato de ouvir vozes que lhe eram gritadas “efetivamente” pelo Sol, pelas árvores, pelos pássaros, por pequenos diabinhos que assumiam a forma de homúnculos, formas de expressão da vontade divina, que lhe informavam que, para cumprir sua missão de redimir e restabelecer a “ordem do mundo”, teria que se transformar em uma mulher. Submeter-se a um constante processo de emasculação, a um deixar de ser homem, apesar de não ser esse seu desejo (era profundamente homóforo), para ser, enquanto mulher, fecundada por um Deus insaciável sexualmente e fazer nascer uma nova raça. Todos os outros seres humanos tinham sido destruídos e Schreber fora escolhido para gerar uma nova humanidade.

**Cena 4 - Schreber** – “Numa manhã, ainda na cama, tive uma sensação que me impressionou como extremamente esquisita. Foi a ideia de que seria muito agradável ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula. Essa ideia era tão estranha à minha natureza que a teria rejeitado com indignação, se estivesse plenamente acordado...” (SCHREBER *apud* HILLMAN, 2009: 37). Na interpretação de Jung, a emasculação não deve ser entendida no sentido homossexual literal. Não consiste na efeminação, na desvirilização, mas sim na *anima*, num processo de voluptuosidade crescente, de “rápido aumento da volúpia de alma” (SCHREBER, 2006: 253). Atacado, enfim, por essa e por numerosas outras alucinações, o Presidente será imediatamente afastado de sua alta função jurídica, posto, em 1894, sob curatela provisória (perdendo assim quase todos seus direitos de cidadão), tornando-se, como ele mesmo disse, “prisioneiro” do asilo de Sonnenstein (1894-1902). Só em 1900, após impetrar um processo judicial de difícil argumentação e compreensão por parte de seus ex-colegas ministros, permitem-lhe, finalmente, que saia do manicômio em 1902 e publique suas *Memórias*, escritas ao longo dos oito anos de internação (SCHREBER, 1995). Editadas em 1903, tinham, após o título, um apêndice com a seguinte pergunta: “Em que condições, uma pessoa julgada alienada, pode ser mantida num estabelecimento hospital contra sua vontade? Indagação que nos persegue até nossos dias. Nas *Memórias*, expõe seus delírios e mostra como, segundo Deleuze e Guattari, propôs criar para si um corpo paranoico, sem órgãos, que, submetido à tortura de incessantes fantasias de perseguição, buscava linhas de fuga possíveis. Como conseguiu? Viveu muito tempo sem estômago, sem intestinos, e assim por diante. “Mas os milagres divinos haviam sempre regenerado novamente aquilo que havia sido destruído.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996: 10). O estudo que Freud dedicou ao “caso Schreber” em 1911 (FREUD, 1996) tem sido objeto de muitas controvérsias e reexames, na medida em que, ao escrevê-lo, desconhecia fatos essenciais

relativos à vida do Presidente, principalmente referentes aos traumas crônicos provocados pelos maus-tratos exercidos pelo pai. Schreber enfrentou, por razões disciplinares, uma educação cercada de muita violência, tendo que servir de cobaia, ele e seu irmão mais velho, para todas as teorias pedagógicas de Dr. Moritz. Um psicanalista freudiano, William G. Niederland, no entanto, a partir da década de 1950, demonstrou de que forma o pai foi importante para a doença mental de Schreber e para o suicídio de seu irmão (NIEDERLAND, 1981). Eric L. Santner nos explica que Schreber “foi o produto monstruoso de um monstruoso projeto médico-pedagógico, a elaboração delirante de anos de maus-tratos infantis reais e sistemáticos, vivenciados nas mãos de um *pater familiae* dominador e com formação médica [...] [conclusões] que [combinadas][...] com as especulações de Canetti sobre o poder, propôs um vínculo direto entre o “despotismo microssocial da família Schreber e o despotismo macrossocial da Alemanha nazista”. (SANTNER, 1997: 9). Mas Freud demonstrou, apesar de tudo, que Schreber, em seu sistema delirante, aceitava o lugar degradado que lhe fora destinado por Deus, acreditando ser sua concubina, travestindo-se de mulher para agradá-lo e insistindo em submeter-se a um exame físico que provasse o sucesso de sua emasculação. Ao analisar as memórias de Schreber, Santner tem o mérito de ressaltar duas vias de identificações “perversas”: tanto com a mulher quanto com o judeu errante, figuras que ocupavam uma posição marginal pelo fato de deterem o saber sobre o gozo. Enfim, a ideia de trabalhar a partir da leitura comparativa desses dois textos clássicos, primeiro o de Calderón e, em seguida, a pesquisa concentrada em torno da compreensão da teatralidade que cerca a vida de Schreber, se concentra na abertura de espaços em que possa me expandir livremente. Uma forma de que me sirvo para analisar experiências de minha vida, direcionada a partir de práticas de encenação contemporâneas e projetos de pesquisa, combinados com leituras teóricas, de inúmeros textos distintos mas complementares em meu ponto de vista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção: Homo Sacer*, II, 1. Trad. Iraci D. Poleti. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Profanações*. Trad. e apresentação Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *Signatura rerum : Sur la méthode*. Traduit de l'italien par Joel Gayraud. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2008.

BARROS, Romildo do Rego. “Sem standard, mas não sem princípio”. In: *HARARI, Angelina (org.). Os Usos da Psicanálise: primeiro encontro americano do Campo freudiano*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, pp. 39-48.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: LIMA, Luís Costa (org.). *Teoria das culturas de massa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama trágico alemão*. Edição, apresentação e tradução João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2000.

BOURRIAUD, Nicolas. *Esthétique relationnelle*. Dijon: Les presses du réel, 2001.

CARONE, Marilene. “Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura”. In: SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. e organização: Marilene Carone. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COSTA PINTO, Graziela. “A paranoia da modernidade”. In: *Cult- Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo, Editora Bregantini, fevereiro 1998.

DECROUX, Etienne. *Paroles sur le mime*. Paris, Gallimard, 1963.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *L' Anti-Oedipe: Capitalisme et schizophrénie-I*. Nouvelle édition augmentée. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972-73.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol.3. Trad. Aurélio Guerra Neto *et alii*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei: O “Fundamento místico da autoridade”*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 (Biblioteca do Pensamento Moderno).

DUMAIS-LVOWSKI, Christian. “Prefácio”. In: Nijinski, Vaslav. *Cadernos de Nijinski*. Trad. da versão francesa: Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1998.

FREUD, Sigmund. “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”. In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HILLMAN, James. *Paranoia*. Trad. Gustavo Barcellos. Petrópolis, Vozes, 2009.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 3: As Psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2ª edição revista. Versão brasileira de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

MILLER, Henry. *O Sorriso Aos Pés da Escada*. Trad. Célia Henriques e Vitor Silva Tavares. Lisboa: Editora Ulisseia, 1966.

NIEDERLAND, W. G. *O Caso Schreber : um perfil psicanalítico de uma personalidade paranoide*. Trad. Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

NIJINSKI, Romola. *Nijinski*. Paris, Denoël, 1934.

NIJINSKI, Vaslav. *Cadernos de Nijinski*. Trad. da versão francesa: Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1998.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: Uma história secreta da modernidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. e organização: Marilene Carone. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

SOUZA, Walder Gervásio Virgulino de. "Em torno de um sonho", *In: Anais do IV Seminário do Laboratório Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana*. Rio de Janeiro: UNIRIO, FINEP, CAPES, CNPq, FAPERJ, 2009, pp. 19-28.

STRINDBERG, August. "Le Songe", *IN: Théâtre Complet 5. Paris: L'Arche, 1984*.